



Vol. I, nº 17, Edição
trimestral, Julho,
Agosto, Setembro,
2021. ISSN 14133474

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville



Sumário

Editorial

Giane Maria de Souza

5

Arquivo Histórico de Joinville - Algumas Histórias

7

A História do Arquivo Histórico de Joinville

Leandro Brier Correia

8

AHJ nas Redes

11

5ª Semana Nacional de Arquivos

Celiane Neitsch e Giane Maria de Souza

12

Exposição Virtual - Perspectivas: O desenho

Arquitetônico no contexto da Arte

Celiane Neitsch

15

Pesquisadores e o AHJ

17

Acesso e Acessibilidade em Espaços de Cultura

Fernanda Pirog Oçoski

18

Relíquias do Passado

Guilherme Grützmacher Bento

21



Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ	25
Ações de Conservação nos Projetos Arquitetônicos custodiados no AHJ	26
Elisangela da Silva	
Descrição do Projeto Arquitetônico nº 017/1922	31
Dinorah Luisa da Rocha Brüske	
Fundo Poder Judiciário	36
Rodrigo Boçoën e Janice Garcia	
História Institucional	38
Minha Vida Profissional no Arquivo Histórico de Joinville	
Entrevista com Terezinha Fernandes da Rosa Hoegen	39
Giane Maria de Souza e Rodrigo Boçoën	
Educação Patrimonial e Difusão Cultural	43
Educação Patrimonial em Nossa Casa	44
Giane Maria de Souza	
Exposição “Arquitetura Revisitada”	46
Giane Maria de Souza	



Professores e o Arquivo	48
O AHJ e o Curso de Jornalismo do Ielusc Valdete Daufemback	49
Artefato Cultural	52
Helena Montenegro e a Obra Infinitamente Giane Maria de Souza	53
Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ	56
Um click na Tekoá: elaboração de um site de produção de narrativas audiovisuais através de fontes Guarani André Felipe Meyer	58
Memória do Boletim	60
O Perfil Psicossocial do Imigrante Apolinário Ternes	61
O Arquivo e a Cidade	66
Vista-se de Patrimônio Giane Maria de Souza	67
Por Dentro do Acervo	70
Expediente	72



Editorial

Editorial

Por Giane Maria de Souza.

No dia 9 de junho foi comemorado o Dia Internacional dos Arquivos e a Semana Internacional dos Arquivos, datas estabelecidas pelo Conselho Internacional de Arquivos (ICA), cujo tema deste ano “Empoderando Arquivos” provocou inúmeros debates acerca dos acervos arquivísticos, da instituição Arquivo neste momento de pandemia da Covid-19.

Joinville participou da 5ª Semana Nacional de Arquivos, promovida no Brasil pelo Arquivo Nacional (RJ), com apoio do Conselho Nacional dos Arquivos (Conarq) e que contou com um ciclo de programação organizada e oferecida pelo site de formação cultural Arte na Cuca e pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), em parceria com o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). Segundo o Arquivo Nacional (2021) a programação aproximou “os arquivos da sociedade, atuando como um instrumento facilitador do acesso à informação, de modo a apoiar o cidadão na defesa de seus direitos e a incentivar a produção de conhecimento científico e cultural – uma das funções dos arquivos”. O texto de apresentação da Semana além de enfatizar os arquivos “como equipamentos culturais” enquanto lugares não somente na salvaguarda dos acervos arquivísticos, mas também enquanto lugares de memória, na acepção de Pierre Nora, na produção e na difusão do conhecimento científico.

Nesta 17ª edição, o AHJ apresenta novamente os trabalhos técnicos desenvolvidos no interior do espaço, a sua relação com as comunidades, com os pesquisadores e a sua preocupação com a cidadania cultural e o direito à informação.

Este é o segundo número do ano de 2021, fruto da parceria com o site de formação cultural Arte na Cuca, coordenado pelo trabalho árduo e comprometido do casal de jovens agentes culturais Celiane Neitsch e Walmer Bittencourt. Esta parceria auxilia o AHJ a transpor as fronteiras do espaço burocrático para adentrar em um mundo virtual de outros debates públicos acerca das histórias e memórias de Joinville, para além dos documentos e dos trabalhos técnicos desenvolvidos, tendo em vista os desafios do tempo presente apresentados pela pandemia da Covid-19.

Desse modo, como afirmou a nossa colega Fernanda Pirog Oçoski em seu artigo para este Boletim, não somente os trabalhos técnicos foram revistos na pandemia, mas também a relação do Arquivo com seus pesquisadores, evidenciando que a questão do acesso à informação e da acessibilidade à pessoa com deficiência, deve ser uma defesa constante nas nossas políticas culturais.

Giane Maria de Souza
Joinville, agosto de 2021.

A dark blue-tinted photograph of a modern building interior. The scene shows a person in a white coat, possibly a nurse or doctor, standing in a brightly lit area with large windows. The person is holding a small object, possibly a book or a folder. The background features architectural details like columns and a staircase. The overall atmosphere is professional and clean.

Arquivo Histórico de Joinville

Algumas Histórias



A História do Arquivo Histórico de Joinville

Leandro Brier Correia

Historiador, Assistente Cultural e Especialista em Metodologia do Ensino de História pela UNIASSELVI.

Constituído em 1972, o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), idealizado por Adolfo Bernardo Schneider, membro de uma família tradicional da cidade, Adolfo, além de fundador, foi também o primeiro coordenador da instituição. Contando, inicialmente, com um acervo de origem privada, o AHJ teve como primeira sede um anexo localizado no interior da Biblioteca Pública Municipal Prefeito Rolf Colin. A falta de espaço e a limitação de equipamentos técnicos marcaram essa fase embrionária do Arquivo, porém a estrutura física deficitária era compensada pelo abnegado esforço de sua equipe de funcionários.

A partir de 1986, o AHJ passa a contar com sede própria. A edificação, fruto de investimento do poder público em parceria com o governo da Alemanha, foi a primeira do Brasil a ser projetada para funcionar como um arquivo histórico. O prédio conta com controle de temperatura e umidade do ar em todas as suas dependências, o que garante a conservação e a consequente longevidade dos documentos abrigados em seu interior.

As principais atividades do AHJ atualmente são: atendimento ao público, conservação e restauro do acervo, elaboração de dossiês e relatórios técnicos, produção intelectual, entrevistas com a comunidade, emissão de certidões de conteúdo comprobatórias para fins legais, traduções de documentos no idioma alemão para o português, divulgação da instituição para a comunidade escolar e acadêmica, elaboração de boletins e revistas da entidade, atividades culturais (lançamentos de livros, exposições, debates, exibição de filmes e documentários, etc.), digitalização do acervo, contatos com outros órgãos culturais, resgate cultural

local, guarda de documentos produzidos pelo Poder Executivo Municipal e fundos e coleções privadas, além de parte da documentação produzida pelo Poder Judiciário e pela Justiça Eleitoral.

O acervo do AHJ é composto de fundos e coleções, públicos e privados, que abrangem uma extensa documentação datada dos primórdios da cidade até os dias atuais, e conta, até mesmo, com documentos anteriores a 1851, ano que marca o início da colonização de Joinville. Dentre os conjuntos documentais mais acessados do AHJ destacam-se: a coleção completa do jornal “A Notícia” (Coleção Memória Iconográfica), os projetos arquitetônicos (Fundo Poder Executivo) e as fotografias (Coleção Memória Iconográfica).

Aberto a toda a comunidade, o AHJ conta com uma ampla área de pesquisa e terminais eletrônicos de consulta próprios para o uso do público consulente.

A história do AHJ se funde à história de Joinville, e sua documentação compreende elementos passíveis de análise, para a construção e a elaboração da historicidade da cidade, com todas as suas significâncias e singularidades.



Descrição do documento

Inauguração da sede do Arquivo Histórico de Joinville. [Panorama da fachada frontal do prédio, situado na Rua Hermann August Lepper, 650, com a presença de inúmeras pessoas durante a inauguração do prédio, em primeiro plano está a margem do Rio Cachoeira]. Autor: [S.I.] Joinville (SC). 18/07/1986. Dimensões da fotografia: 2: color; (20,0 x25,5) cm.

Fonte: Acervo Iconográfico do AHJ.

A person wearing a white lab coat is standing in a modern, brightly lit interior space, possibly a laboratory or office. They are holding a smartphone in their right hand. The background features large windows and architectural details like columns and beams. The overall scene is captured in a high-contrast, slightly desaturated style.

AHJ nas Redes



Empoderando arquivos

5ª Semana Nacional de
Arquivos

7 a 11 de junho de 2021

5ª Semana Nacional de Arquivos

Celiane Neitsch e Giane Maria de Souza.

Nos dias 07 e 11 de junho de 2021, aconteceu a 5ª Semana Nacional de Arquivos, evento de celebração do Dia Internacional dos Arquivos, dia 09 de junho, junto à Semana Internacional de Arquivos. A temática proposta pelo Conselho Internacional de Arquivos (ICA) “Empoderando arquivos” mobilizou ações culturais e acadêmicas em várias instituições de todo o Brasil. Durante cinco dias, arquivos, universidades e espaços culturais inscritos na programação, realizaram palestras, oficinas, webinários, exposições e lançamentos.

Em virtude da pandemia causada pelo coronavírus as atividades aconteceram em formato *online*.

Em Joinville, a Semana Nacional de Arquivos contou com numerosas atividades, algumas foram promovidas pelo *site* de formação cultural Arte na Cuca, o Arquivo Histórico de Joinville, a Univille, a APESC, a UFSC e a ANPUH. Para quem não pode participar segue um pequeno resumo e os links para assistirem os debates ocorridos.

- **Seminário – Associativismo: Empoderando a Arquivologia Catarinense**

Luiza Morgana Klueger Souza – Presidente da AAESC e Adriana Di Bernardi – Secretária da AAESC abordaram a importância do Associativismo enquanto representação dos profissionais que atuam na área de arquivologia, sobretudo para a formação continuada, as trocas de experiências, o acompanhamento e o

fortalecimento do campo de atuação.

Acesse este seminário clicando [AQUI](#)

- **Webinário História, Historiadores e Arquivos**

As historiadoras Cibele Piva, Giane Maria de Souza e Roberta Barros Meira debateram a temática que envolve o ofício do historiador, a história enquanto área de conhecimento e a relação dos arquivos com a produção historiográfica. Este webinário foi organizado e proposto pelo GT de Patrimônio da Anpuh/SC em parceria com o Arte na Cuca.

Acesse este seminário clicando [AQUI](#)

- **Lançamento do livro “Mediações e mediadores culturais: escritores, artistas e divulgadores” – Editora Casa Aberta, 2021.**

O livro organizado por Karine Lima da Costa, Maria de Fátima Fontes Piazza, Talita Sauer Medeiros foi lançado no canal Arte na Cuca e contou com a apresentação de alguns capítulos e seus respectivos autores. Os trabalhos apresentaram um vasto panorama do campo das mediações culturais no Brasil e no exterior, com múltiplos recortes e objetos temáticos, o que somente confirma a riqueza de possibilidades de se pensar a atuação dos mediadores culturais em distintos espaços.

5ª Semana Nacional de Arquivos

Celiane Neitsch e Giane Maria de Souza.

Acesse a versão digital do livro clicando [AQUI](#).

- **Live “Arquivos Públicos Municipais Catarinenses: os desafios e soluções no contexto da pandemia”**

Representantes dos arquivos do estado de Santa Catarina se reuniram no dia 10/06 para debater os desafios e as soluções encontradas pelos arquivos neste período de pandemia. O evento contou com a participação dos Arquivos Municipais de Chapecó, Jaraguá do Sul, Joinville, Blumenau, Fundação Cultural de Criciúma e Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). O encontro virtual foi organizado pela APESC e pela Fundação ENA.

Acesse a live [AQUI](#).

- **Mesa redonda “Empoderando arquivos: debates, experiências e perspectivas”**

A faculdade de História da Univille organizou a mesa redonda que se propôs a pensar o tema da Semana Nacional de Arquivos com os historiadores Dilney Fermينو Cunha - Coordenador do Arquivo Histórico de Joinville e Tiago Castano Moraes, assistente cultural – monitor de museus, cargo de gratificação, do Cemitério do Imigrante e Casa da Memória de Joinville com os professores do Centro Memorial da Univille - Laboratório de História Oral da Univille - Fernando Cesar Sossai e Ilanil Coelho, além da participação de Roberta Meyer Miranda da

Veiga, gerente de Patrimônio e Museus da Secult.

Acesse o evento clicando [AQUI](#).



Exposição Virtual - Perspectivas: O desenho Arquitetônico no contexto da Arte

Celiane Neitsch

Arte-Educadora, Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Univille.

A exposição “Perspectivas – O desenho arquitetônico no contexto da arte”, apresenta ao público de forma acessível, o trabalho de pesquisa e digitalização da série documental “Projetos Arquitetônicos” do Fundo Poder Executivo, custodiada pelo Arquivo Histórico de Joinville/SC. Com mais de 9 mil projetos e 36 mil documentos, este acervo é composto por documentações diversas, tais como requerimentos, alvarás, habite-se, etc, assim como por plantas arquitetônicas referentes a projetos produzidos e aprovados entre os anos de 1917 e 1971.

Optou-se por desenhos arquitetônicos que por seus traços, detalhes, perspectivas e cor, sejam para além da representação de uma construção, possibilidades de aproximar ainda mais a arquitetura da arte. Para a mostra, foram selecionados alguns dos projetos do acervo do AHJ, aprovados entre os anos de 1917 e 1938, com o intuito de permitir um breve passeio pela arquitetura de Joinville. É possível identificar edificações de diferentes usos, tais como residencial, comercial e institucional, assim como edificações em diversas tipologias arquitetônicas. Procurou-se selecionar, ainda, dentre os projetos do acervo, diferentes técnicas de representação e de suportes.

É importante ressaltar que não se pode afirmar com certeza se todos estes projetos chegaram ou não a ser edificados. O certo é que, vários destes prédios sobreviveram ao tempo e continuam presentes, valorizando a paisagem urbana e o patrimônio histórico e cultural da cidade.

Acesse a exposição clicando [aqui](#).

A person wearing a white lab coat is standing in a modern building interior, holding a tablet. The background shows large windows and architectural details. The image is overlaid with a dark blue tint.

Pesquisadores e o AHJ



Acesso e Acessibilidade em Espaços de Cultura

Fernanda Pirog Oçoski

Assistente Cultural, Graduanda em Arquivologia na Uniasselvi e História na Uninter.

Não tem como ser diferente: pelos próximos anos, teremos assunto sobre como enfrentamos a pandemia. O Arquivo Histórico de Joinville, em março de 2020, seguindo uma normativa da Secretaria de Cultura e Turismo, Secult, Joinville, interrompeu o atendimento presencial por segurança sanitária, porém seus trabalhos internos continuaram (assim como as instituições de ensino também continuaram suas atividades de modo virtual fazendo com que a demanda por pesquisas prosseguisse). Em paralelo às solicitações, a instituição recebeu muitas pesquisas demandadas por públicos diversos. Uma dessas solicitações era a do acadêmico Guilherme Grützmacher Bento, que ingressou na faculdade de Arquitetura em 2021, um apaixonado por projetos arquitetônicos antigos como ele se autodefine.

Guilherme entrou em contato com o atendimento do AHJ solicitando para pesquisar os projetos arquitetônicos, presencialmente. Entretanto, além da pandemia, os projetos estão em processo de digitalização e, para serem digitalizados, sofrem um processo de desarquivamento. Mas, como ainda não temos recursos para a devida planificação, eles voltam ao seu arquivamento original, por isso evitamos o contato físico com os materiais, disponibilizando-os, preferencialmente, em formato digital. O acesso virtual ao acervo facilitou muito a pesquisa de consulentes e pesquisadores que pesquisam ou investigam acervos em arquivos públicos, pois, em tempos de pandemia, o mais seguro é manter o isolamento social. No caso do Guilherme, morador de Blumenau, o benefício da consulta virtual reverteu em dobro, haja vista a distância que não precisaria mais percorrer.

No decorrer dos dias, entre digitalizações, edição de imagens e envios dos projetos por ele solicitados, Guilherme sempre me perguntava se eu não o havia esquecido. Entre uma dessas mensagens, me pediu desculpas pela insistência e me disse que era autista, e que ficava ansioso com novidades. Na hora, apenas respondi “sem problemas”. Mas, a partir desse momento, estabelecemos uma rotina de solicitação e envio de projetos arquitetônicos para melhor atendê-lo.

A maioria das vezes em que o Guilherme recebe seus projetos, ele nos presenteia com informações acerca do histórico da construção, sobre a planta e sobre como esses projetos possuem algo em comum com sua vida. A partir desse contato, estabelecemos uma amizade e, no final do ano passado, ele me informou do ingresso na faculdade de Arquitetura — o que me deixou muito feliz pois, quando ele recebeu o diagnóstico de autismo, teve receio se conseguiria desempenhar algumas atividades como chegar a cursar uma universidade. Hoje, o nosso acadêmico pesquisador já possui planos de uma viagem internacional. Nós conversamos sobre as experiências que ele teve nos empregos anteriores, o que sempre me faz refletir como é importante saber lidar com o diferente.

Minha intenção aqui não é falar como se deve ou não tratar pessoas com autismo, e eu não possuo conhecimento específico para isso. Mas nesses 11 anos trabalhando com atendimento ao público em espaços de cultura, aprendi a ter um olhar mais cuidadoso para com o indivíduo e suas necessidades, independente de quem quer que seja, de como se apresenta ou como se identifica. Sempre penso na melhor forma de atender e oferecer acesso às informações solicitadas. Apesar

Fernanda Pirog Oçoski

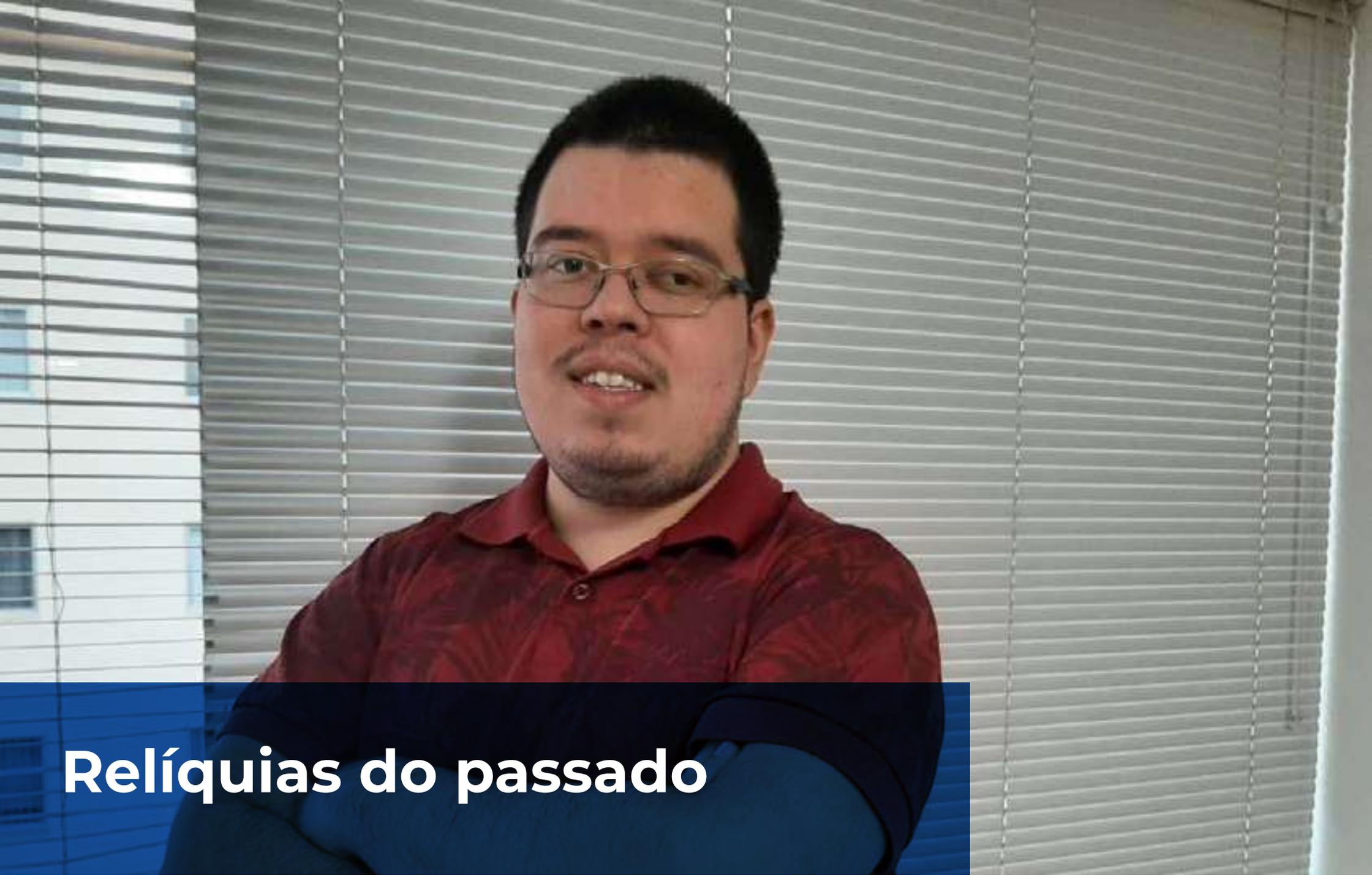
Assistente Cultural, Graduanda em Arquivologia na Uniasselvi e História na Uninter.

do conceito de acessibilidade ser tão debatido hoje em dia, percebo que ainda estamos longe do ideal. Então, minha intenção enquanto trabalhadora da cultura é que possamos entender que diálogo é fundamental, porque acesso e acessibilidade em tempos tão sombrios são mais do que necessários, são fundamentais.

Texto lido e autorizado pelo pesquisador Guilherme Grützmacher Bento.



Fonte: website Bengala Legal



Relíquias do passado

Guilherme Grützmacher Bento

Graduando de Arquitetura e Urbanismo na Unicesumar.

Meu nome é Guilherme Grützmacher Bento e atualmente moro em Blumenau-SC. Desde criança sou apaixonado pelo mundo da construção civil. Me formei como Técnico em Edificações em 2014 e atualmente estudo Arquitetura e Urbanismo na Unicesumar. Trabalho com projetos de *layout* industrial com meu pai. Em 2018, fui diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Eu sou amante dos projetos feitos à mão e vejo o AHJ como o lugar ideal para pesquisar sobre tal assunto. Um rico acervo com projetos entre 1917 e 1971. Como mencionado acima, trabalho com projetos industriais e esse é o principal tema das minhas pesquisas, porém, gosto de pesquisar outras temáticas também. Já achei as plantas da escola Aldeia do Sol, onde estudei quando morava em Joinville, achei plantas do Cine e Hotel Colon, no qual tive a oportunidade de me hospedar e graças ao projeto, descobri que, onde hoje fica o estacionamento do hotel, localizava-se o cinema.

Como eu moro em Blumenau, antes da pandemia, eu passava o dia inteiro no arquivo. Chegava de manhã e saía para almoçar ao meio dia e ia embora apenas quando fechava o arquivo. A minha mãe me trazia e ficava o dia inteiro me esperando no carro, pois ela também fazia o que gostava, passar o dia inteiro lendo.

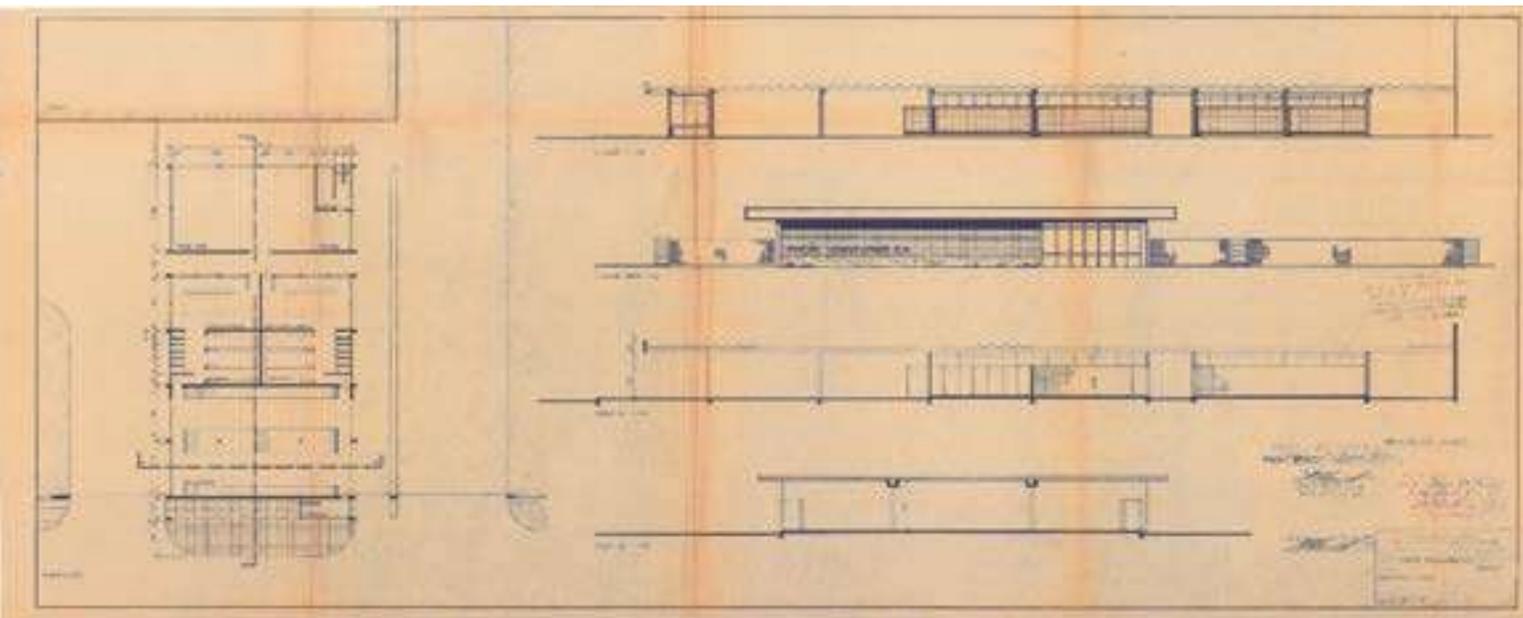
Fiquei muito feliz quando achei no arquivo as plantas da Fiação Joinvilense que, em 1983, foi comprada pela Sulfabril, empresa que era sediada aqui em Blumenau. Meus pais se conheceram quando ambos trabalhavam na Sulfabril e passaram a namorar, se casaram em 1991 e, em 1997, nasci. Por isso, meu especial

interesse ao que se refere a esta empresa. No AHJ já me deparei com esta e outras relíquias do passado.



Foto

Edificação que hoje é a Escola Aldeia do Sol.



Foto

Fiação Joinvilense que passou a ser a Sul-fabril em 1983

A person wearing a white lab coat is standing in a modern building, holding a smartphone. The background shows large windows and architectural details. The image is overlaid with a dark blue tint.

Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ



Ações de Conservação nos Projetos Arquitetônicos Custodiados no AHJ

Elisangela da Silva

Conservadora e Restauradora, Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille.

O acervo do Arquivo Histórico de Joinville é composto por diversos fundos e coleções, públicos e privados, que possibilitam a construção de diferentes narrativas não apenas sobre a história da cidade e região, mas, também sobre o processo de colonização e imigração no sul do Brasil. Entre os conjuntos documentais preservados na instituição, estão os projetos arquitetônicos, que foram objeto do projeto “Arquitetura Urbana de Joinville: conservação e difusão da série documental “Projetos Arquitetônicos”, aprovado pelo prêmio Elisabete Anderle.

Esses projetos são parte integrante do Fundo Poder Executivo, sendo que cada projeto contém dados sobre as edificações construídas em alvenaria, no perímetro do município de Joinville, entre os anos de 1917 a 1971.

O processo de digitalização desse conjunto documental tem por objetivo a salvaguarda, já que a digitalização diminui o manuseio dos originais e o desgaste resultante de seu uso; facilitar a pesquisa, tornando-os mais acessíveis para a população e disseminar o acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

Atualmente a digitalização é uma das ferramentas essenciais ao acesso e à difusão dos acervos arquivísticos, contudo, ela não exclui a preservação dos originais por parte da instituição. Assim, além da digitalização, o projeto contempla também ações de conservação no acervo original.

A série documental “Projetos Arquitetônicos” chegou ao Arquivo Histórico

de Joinville no ano de 1996, vinda da Secretaria de Serviços Urbanos. Esses projetos possuem uma diversidade de suporte, formato e estado de conservação. As ações de conservação ligadas ao projeto de digitalização tiveram início no ano de 2020, com a identificação do suporte e a avaliação do estado de conservação. Os maiores danos observados nesses projetos são a acidez e rompimento do suporte (que em alguns poucos casos ocasionaram pequenas perdas). Além disso, encontramos também alguns casos de esmaecimento da tinta de impressão com consequente perda da informação. É importante observar que os projetos mais fragilizados eram os que apresentavam o rompimento total do suporte tanto no sentido horizontal quanto no vertical, inclusive em mais de uma parte do projeto (imagem 1). Esses rompimentos, perceptivelmente, estão ligados à forma como esses documentos foram acondicionados ao longo dos tempos. Chegaram ao Arquivo Histórico após anos dobrados e acondicionados em caixas e assim permaneceram por falta de mobiliário que permitisse a sua planificação.

As ações de conservação previstas são: registro fotográfico, higienização, planificação e acondicionamento em *folders* de papel alcalino. Quando preciso, pequenos reparos como, no caso da consolidação de rasgos. Nos projetos que se encontravam em um estado mais fragilizado, que apresentavam rompimentos totais do suporte, foi necessária uma maior intervenção, já que sem isso, seria muito difícil, além de mais arriscada ao próprio original, a digitalização. Assim, além das ações elencadas acima está sendo realizada também a laminação total nesses projetos.

Elisangela da Silva

Conservadora e Restauradora, Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille.

O projeto, atualmente, está em fase de desenvolvimento. Ressalta-se que devido ao volume documental e a deficiência no número de profissionais de conservação na Secretaria de Cultura e Turismo do município, centralizou-se as ações de conservação nos projetos identificados como estando em um estado de conservação mais fragilizado. Mas, todas as atividades de conservação aqui descritas terão continuidade mesmo após a data formal de término do projeto.

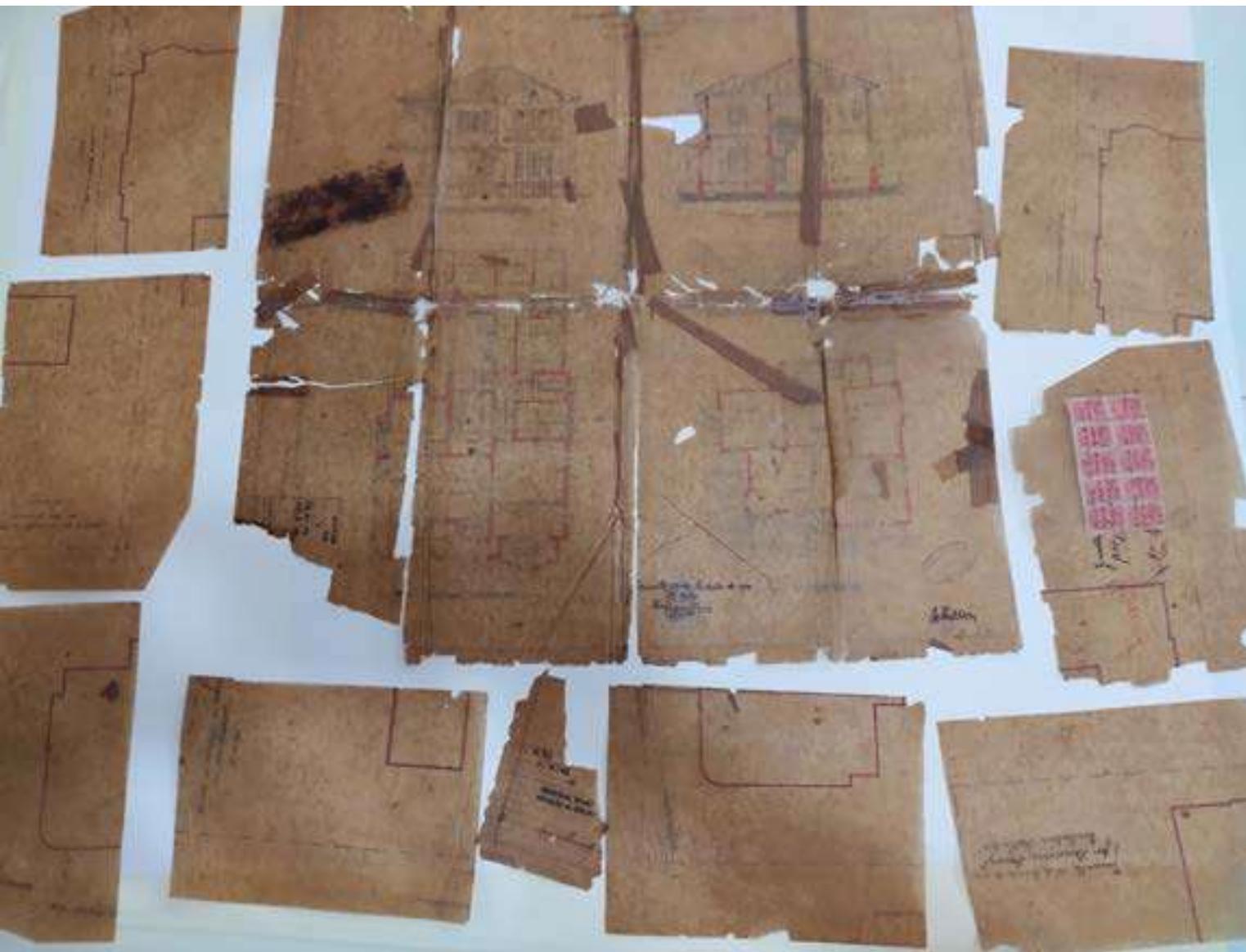


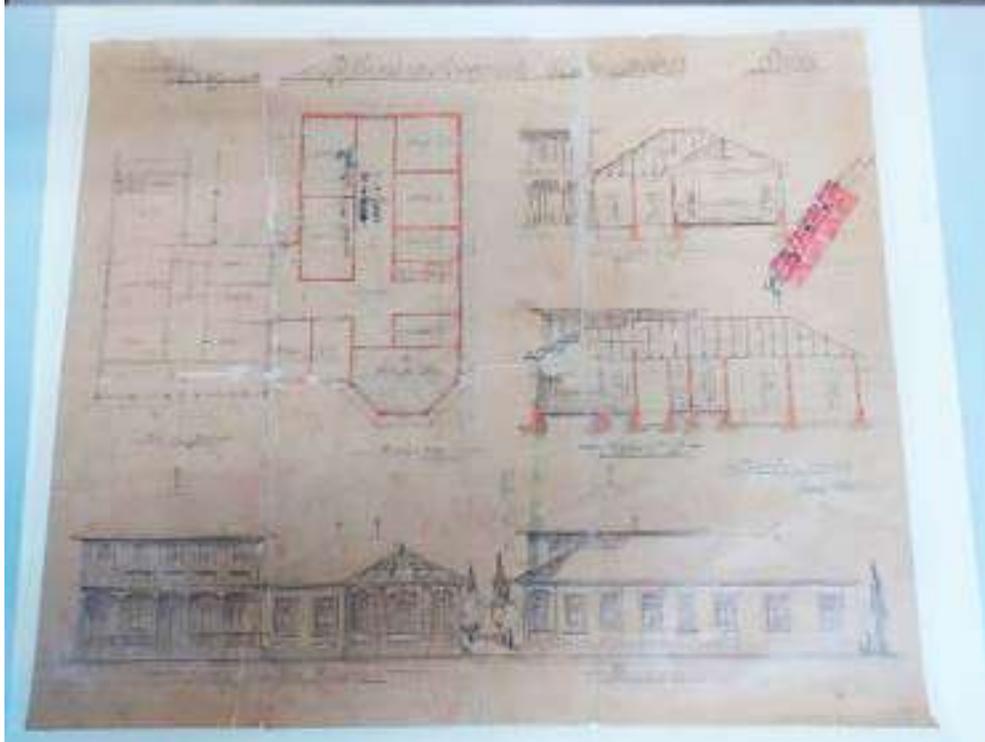
Imagem 1

Rompimento das fibras do suporte nas áreas de dobra. imagem CBPC.



Imagem 2 e 3

Projeto arquitetônico antes do tratamento de higienização e laminação. imagem CBPC.





Descrição do Projeto Arquitetônico nº 017/1922

Dinorah Luisa da Rocha Brüske

Arquiteta e urbanista, Mestra em Geografia Urbana pela UFSC.

O acervo do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) é composto por diversos fundos e coleções, públicos e privados. Dos conjuntos documentais preservados na instituição, destaca-se a série “Projetos Arquitetônicos” do Fundo Poder Executivo (1917-1971). Esta série é composta por cerca de 9.000 projetos, em um conjunto documental que reúne mais de 36.000 documentos. Contém documentações diversas, tais como requerimentos, alvarás, habite-se, etc, assim como plantas arquitetônicas referentes a projetos arquitetônicos produzidos e aprovados entre os anos de 1917 e 1971. Tal documentação tem servido, frequentemente, como importante fonte de informação no que se refere a pesquisas históricas diversas e também ao conhecimento e entendimento da arquitetura e dos processos de ocupação urbana da cidade de Joinville.

Todo o acervo de projetos arquitetônicos vem sendo digitalizado, além de ser elaborado o fichamento composto por uma descrição detalhada de cada projeto arquitetônico. No presente texto será apresentado um dos projetos arquitetônicos, a título de exemplificação: o projeto N° 017 de 1922, do acervo do AHJ.

Várias são as informações constantes do projeto:

- No verso (Imagem 01 – Parte B) encontram-se indicados a numeração do projeto no acervo (n° 17), o nome do proprietário (Roberto Schmidlin) e a data atribuída pelo departamento que abriu o processo (06-04-1922).

- Na parte frontal (Imagem 01 – Parte A) podem ser identificados: o nome do

proprietário (Roberto Schmidlin); a data de elaboração do projeto (17 de março de 1922); o endereço (nome da rua descrita no projeto: Rua Santa Catharina, atual Av. Getúlio Vargas); o autor do projeto (Nicodemus, Hahn & Schneidewind – Empreiteiros de Obras) e o título da prancha (Planta de uma casa para o Snr. Roberto Schmidlin Rua Stª Catharina).

Além destes dados, são identificadas também outras informações referentes à edificação. Neste exemplo, trata-se de uma edificação principal, provavelmente referente a projeto de construção inicial e com fachada ricamente ornada com detalhes ecléticos.

Com relação ao desenho propriamente dito, são identificados o número de desenhos (01), o número de pranchas (01), o material de suporte (neste caso, não identificado), os tipos de desenho (fachada), a escala utilizada (1:50) e das dimensões do papel (45,5 cm x 48,0) cm.

Este fichamento contendo todas as informações levantadas sobre o projeto, a edificação e o desenho propriamente dito serão, posteriormente, disponibilizados para pesquisa, de forma a permitir uma melhor e mais rápida identificação dos elementos de cada projeto.

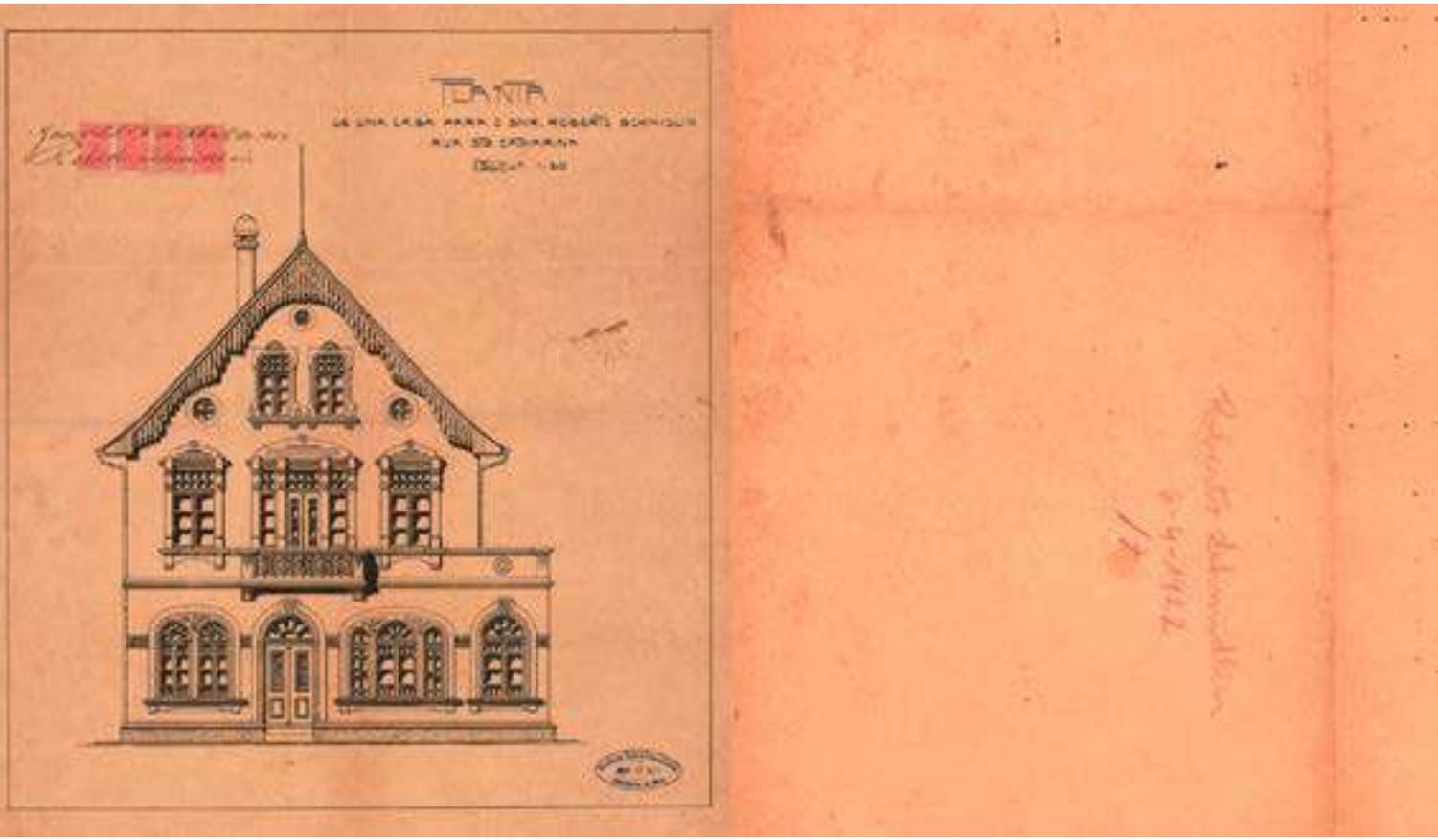


Imagem 01 – Partes A e B

Frente e Verso do Projeto N° 017 de 1922.
Fonte: Acervo de Projetos Arquitetônicos do AHJ.

Imagem 02

Ficha descritiva do Projeto Arquitetônico N° 017/1922.

017/1922				
Nº do Processo: 017/1922	Proprietário: Roberto Schmidt	Logradouro descritor: Rua Santa Catharina	Numeração viária: [s.n.]	Complemento: ---
Data: 06/04/1922	Data de requerimento: Não inf.	Confrontantes: Não informado		Logradouro atual: Av. Getúlio Vargas
Autor do Projeto: Nicodemus, Hahn & Schneiderind – Empreiteiros de Obras	Desenhista: Não informado	Construtor: Não informado		Bairro atual: Socorro
Área total a construir: Não informado	Área já construída: Não informado	Área total do terreno: Não informado		Numeração viária atual: ---
Quantidade de documentos: 01	Espécies documentais: Pranchas			Nº total de Pranchas: 01
Estado de conservação: <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Acesso com restrição		Assunto: Não identificado (prov. construção)		Uso da Edificação: Não identificado
Tipo de Edificação: Edificação principal	Estilo Arquitetônico predominante: Tecto-brasileiro parietal (com ornato eclético)			Material estrutural predominante: Não identificado (prov. alvenaria estrutural)
Título da Prancha nº 01: Planta de uma casa para o Sr. Roberto Schmidt Rua Sta. Catharina	Data da Prancha: 17 de março de 1922	SupORTE: Não identificado		Técnica: Nanquim
Condição: <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia	Tipos de desenhos: Elevação	Data da Aprovação: Não informado		Dimensões: 45,5 x 48 cm (L x H) Escala: 1/50
Observações: Passível de utilização em exposição				Localização no acervo: Caixa 01



Imagem 03

Edificação da Av. Getúlio Vargas 871, em sua configuração atual. Fonte: Google Maps. Acesso em 06/06/2021.

~~191~~

Fls. 1

Comarca de Joinville

JUIZO DE DIREITO

Escrivão — C. John

Fundo do Poder Judiciário

Fundo do Poder Judiciário

Rodrigo Boçõen e Janice Garcia

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), além de sua missão de organizar, preservar e difundir os documentos produzidos, recebidos e/ou acumulados pelo Poder Executivo Municipal, também visa estender esse trabalho a outros conjuntos de documentos considerados de interesse público e social. Um desses conjuntos documentais é o Fundo Poder Judiciário, recolhido ao acervo do AHJ desde o final da década de 1980, reunindo aproximadamente 20.000 processos judiciais, sendo o mais antigo deles datado de 1858. Um acervo muito rico, mas que ainda não foi explorado em toda sua potencialidade.

Arlette Farge reflete sobre a especificidade do arquivo judiciário, após trabalhar com relatórios, informações policiais, processos e interrogatórios do século XVIII, na França:

Sua leitura provoca de imediato um efeito de real que nenhum impresso, por mais original que seja, pode suscitar. [...] vestígio bruto de vidas que não pediam absolutamente para ser contadas dessa maneira, e que foram coagidas a isso porque um dia se confrontaram com as realidades da polícia e da repressão [...]. Revelam o que jamais teria sido exposto não fosse a ocorrência de um fato social perturbador. De certo modo, revelam um não dito (FARGE, 2017, p. 13-14).

Pelos documentos judiciários, aquelas situações que fogem do cotidiano, momentos de conflito, de ruptura com o habitual, ficam registradas e nos fornecem uma janela para observar aquela sociedade. No Fundo Poder Judiciário, alguns instantes de vidas de personagens comuns são focalizados, pessoas que de outra forma não teriam seus nomes lembrados (e muitas que realmente não o têm, visto os diversos casos de mulheres tratadas apenas como viúvas de alguém).

Entre os tipos de processos encontrados no Fundo Poder Judiciário, podemos citar os diversos Inventários, Testamentos e Arrolamentos, assim como Ações de Cobrança, Ações de Despejo, Processos Policiais, Ações de Designação de Dez Dias, Execuções de Sentença, entre outros. Além da análise desses documentos em si, eles podem ser usados para complementar pesquisas realizadas em outros fundos e coleções do acervo do AHJ, como o Fundo Domínio Dona Francisca, os fundos do Poder Executivo Municipal e as coleções de jornais, periódicos e fotografias.

O Fundo Poder Judiciário passa atualmente por um processo de organização, melhorias em seu armazenamento, além de análise de seu estado de conservação, com pequenos reparos sendo realizados. Todo esse trabalho visa facilitar a consulta desses documentos e garantir a sua preservação, para que novas personagens e novas histórias de Joinville continuem a ser descobertas.

Referência: FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017.

A dark, blue-tinted photograph of a modern building interior. The scene features large windows and a person in a white coat, possibly a healthcare professional, standing in the foreground. The overall atmosphere is professional and institutional.

História Institucional



**Minha Vida Profissional no Arquivo Histórico de Joinville -
Entrevista com Terezinha Fernandes da Rosa Hoegen**

Entrevista com Terezinha Fernandes da Rosa Hoegen

Giane Maria de Souza e Rodrigo Boçoen.

GMS/RB - Como foi a sua infância e juventude?

TFRH - Nasci na cidade de Laguna, Santa Catarina, em 02/06/1967, quando eu tinha seis anos, minha família veio morar em Joinville. Estudei na Escola Estadual Dom Pio de Freitas da primeira à quarta série e na Escola Municipal Dr. Abdon Baptista da quinta à oitava série. Fiz meus estudos de segundo grau no Colégio Cenecista José Elias Moreira. Tive uma infância sadia de muitas brincadeiras, brinquei muito de casinha. Meus pais, sempre presentes, me deram uma base sólida para a vida e irmãos valorosos. Por isso, sempre agradeço a Deus pela família que me deu. E, há vinte anos, sou casada com Josué Hoegen, parceiro de todas as horas, uma bênção em minha vida.

GMS/RB - Como foi a sua trajetória acadêmica no campo da história?

TFRH - No segundo grau, hoje ensino médio, fui incentivada a gostar das aulas de história. E em 1986 fiz o vestibular para o curso de História e me apaixonei. Trabalhava de dia e estudava a noite na FURJ, hoje Univille. Bons anos de aprendizados, descobertas, lutas, parcerias, amizades.

GMS/RB - Em que ano você começou a trabalhar na Prefeitura de Joinville e no AHJ?

TFRH - Como servidora pública, iniciei minha carreira em 16/09/1987, e trabalhei por três anos e meio na Divisão de Patrimônio que fazia parte da Secretaria de Administração. Fazíamos o levantamento dos bens móveis da PMJ (Prefeitura Municipal de Joinville). Nossas saídas a campo eram divertidas, às vezes nem tanto, e foi assim que conheci o município de Joinville como poucas pessoas o conhecem.

GMS/RB - Como foi a sua trajetória profissional dentro do AHJ?

TFRH - Me apaixonei pelo Arquivo Histórico de Joinville quando o visitei a primeira vez em 1990, prédio majestoso de arquitetura diferenciada em meio ao verde do Morro da Boa Vista. Mas fui iniciar minhas atividades no AHJ no ano seguinte a convite do diretor Apolinário Ternes, a quem tenho muito a agradecer. E em 1992 lançamos o livro História dos Bairros de Joinville, do qual fiz parte do Projeto para a escrita do livro e que foi uma das experiências mais gratificantes que fiz no AHJ. Conhecemos lugares e pessoas especiais, que de uma forma simples e contagiante nos deram seus depoimentos, registrando assim uma parte da história de nosso município que ficou à margem das escritas tradicionais. Na parte de organização de acervos, comecei com a datilografia das listagens de processos judiciais que o Arquivo havia recebido do Fórum de Joinville. Boa parte dos grupos documentais das salas do acervo ainda estavam com as embalagens da mudança do prédio antigo que abrigava o AHJ. E de lá para cá, foram muitos os recebimentos de doações e da organização das mesmas, de descrição, de troca de embalagens e de espaços nas salas de acervo. No ano de 1996 fiz pós-graduação e minha especialização foi em Organização e Administração em Arquivos, pela UFSC.

GMS/RB - Como você avalia as eventuais mudanças nos processos de trabalho do AHJ durante as décadas em que atuou na instituição?

TFRH - No ano de 1986, o AHJ inaugurou sua sede própria, que foi um dos grandes marcos para o aperfeiçoamento das atividades do Arquivo. Em 1995, em visita ao AHJ, a historiadora Heloísa Liberalli Bellotto montou a estrutura de arranjo dos fundos e coleções. E em 1996, a Fundação Cultural de Joinville fez o concurso público para

Entrevista com Terezinha Fernandes da Rosa Hoegen

Giane Maria de Souza e Rodrigo Boçoen.

alguns cargos específicos, e foi outro grande marco para o AHJ. Nesta oportunidade a instituição recebeu profissionais especializados e, ainda se especializando, para compor o corpo técnico de historiadores, educador, conservador e restaurador, tradutor de alemão. Com o passar dos anos, alguns servidores saíram, outros foram para outras instituições, outros se aposentaram e muitos outros estão fazendo parte da equipe de servidores que estimam trabalhar com as múltiplas memórias que o AHJ abriga. O Arquivo está à frente de todas as mudanças, sempre levando o cidadão, o pesquisador que precisa de suas fontes para descobrir mais e mais sobre a história de Joinville e possibilitar assim novos olhares.

GMS/RB - Quais são os acervos preferidos em que você trabalhou?

TFRH - Não tenho acervo preferido. Fiz parte de uma trajetória de recebimento de muitos grupos documentais, entre eles: processos judiciais, reclamações trabalhistas, documentos de cartório, documentos da Empresa Domínio Dona Francisca e muitas outras doações de particulares. O que sempre me trouxe realização foi poder localizar o documento que alguém necessitava.

GMS/RB - Você acompanhou algumas mudanças institucionais dentro do AHJ, poderia nos falar sobre alguma delas?

TFRH - A mudança que mais deixou sequelas, e negativas, foi a Reforma Administrativa de 2017 na qual a Fundação Cultural foi extinta. Projetos que o AHJ estava envolvido foram rompidos. Ações que estavam sendo desenvolvidas como a gestão de documentos, e onde o AHJ era o gerenciador, simplesmente pararam e outra secretaria abarcou as ações. Estas ações terão um resultado negativo para a

memória de Joinville.

GMS/RB - Quais as suas expectativas para o AHJ nos próximos anos?

TFRH - Para quem acompanhou, nestes quase trinta anos, o entorno do Arquivo sendo transformado de rua sem saída em avenida, de muito verde em muitos prédios, e de ruas de barro em muito asfalto, espero que o AHJ tenha um espaço físico muito maior, quiçá até em outro lugar, mas com acesso a todos. Espero que a gestão de documentos do Município ocorra o mais breve possível, bem como concurso público para mais especialistas estarem elencados no quadro funcional.

GMS/RB - Qual a importância do AHJ para a preservação das múltiplas memórias na história da cidade?

TFRH - Simplesmente essencial. O AHJ é o espaço que acolhe, que guarda, que preserva e disponibiliza as representações destas múltiplas memórias, de pessoas que ocuparam e ocupam este espaço. Os projetos educativos desenvolvidos pelo AHJ aguçam nos estudantes a percepção para a pesquisa e para a preservação de bens culturais.

GMS/RB - Como foi trabalhar com nomes importantes da história cultural da cidade?

TFRH - Foi gratificante trabalhar com pessoas como a historiadora Elly Herkenhoff, atender o pesquisador e historiador Adolfo Bernardo Schneider, ícones que tiveram afinco na criação da instituição Arquivo Histórico de Joinville e, também, na construção da sede própria. Nossas conversas sempre tinham algo a ser aprendido.

Entrevista com Terezinha Fernandes da Rosa Hoegen

Giane Maria de Souza e Rodrigo Boçoen.

Trabalhei com os professores Afonso Imhof e Miraci Dereti, grandes expoentes da cultura joinvilense, grande aprendizado e muita dedicação. Cada um administrou de forma marcante no conduzir o Arquivo. Todos com quem trabalhei, de forma direta ou indireta, tive um aprendizado para a vida toda.

GMS/RB - Existe alguma história curiosa que ocorreu no AHJ que você vivenciou?

TFRH - Curioso é saber que muitos dos profissionais que trabalharam no Arquivo, tinham medo de estar nas salas do acervo ou que viram algo estranho, descritos por alguns como fantasmas. Uns ficavam arrepiados e outros ouviam barulhos. Nunca vi nada e não senti nada.



Foto: acervo pessoal



Educação Patrimonial e Difusão Cultural



Educação Patrimonial em Nossa Casa

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, Educadora e Doutoranda em História pela UFSC.

No dia 20 de maio, nossos colegas terceirizados do Arquivo Histórico de Joinville participaram de uma visita no acervo permanente da instituição. Catarina de Souza e Antonio José C. da Silva, Orbenk, e Valdir Bonavigo, Khronos, visitaram o acervo acompanhados pela especialista cultural do AHJ Giane Maria de Souza e pelo coordenador Dilney Cunha. Nesta visita estava presente nossa colega da Secult, Hélen Cristina Denk Arruez, assistente cultural do Museu Casa Fritz Alt. Entendemos que a educação patrimonial deve ser uma constante na formação de todos os trabalhadores e trabalhadoras que atuam nas instituições de cultura, principalmente nas nossas casas de trabalho e como os nossos colegas terceirizados que são trabalhadores fundamentais para os equipamentos culturais. Catarina de Souza, ao refletir sobre a experiência, afirmou: “Eu acho legal trabalhar aqui no Arquivo Histórico. Gosto de todo mundo que trabalha aqui. Gosto do Arquivo porque tem muitas coisas do passado. ... processos, livros do passado.”



Fonte: Fotografia de Giane Maria de Souza



Exposição Arquitetura Revisitada

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, Educadora e Doutoranda em História pela UFSC.

No dia 7 de junho ocorreu a abertura da exposição *Arquitetura Revisitada*, no Arquivo Histórico de Joinville. Nesta exposição, convidamos o público para revisitar o patrimônio edificado de Joinville, por meio de onze projetos representativos da diversidade arquitetônica da cidade, que fazem parte da paisagem urbana e da nossa memória afetiva. Esta mostra cumpre uma das etapas de contrapartida social e de difusão cultural previstas no Projeto *Arquitetura urbana de Joinville: conservação e difusão da série documental "Projetos Arquitetônicos"* do Fundo Poder Executivo (1917-1971), contemplado pelo Edital Elisabete Anderle/2019, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), na modalidade de patrimônio cultural, no valor de R\$ 100.000,00.

Ressalta-se que o acervo cartográfico do AHJ é constituído, além de outros documentos, por aproximadamente, nove mil projetos arquitetônicos, uma massa documental de 36 mil laudas, cerca de 150 mil imagens, entre elas pranchas de desenho, croquis, requerimentos, do período de 1917 a 1971. Este acervo encontra-se em processo de digitalização, descrição, análise e de pesquisa arquitetônica e histórica, contribuindo para a consolidação do Inventário do Patrimônio Cultural de Joinville (IPCJ), e em breve, vislumbra-se a disponibilização virtual de todo o acervo do AHJ para a sociedade.



Palácio Episcopal
Nº do Projeto: 072/1938
Localidade: Travessa São José
Proprietário: Mitra Diocesana de Joinville
Autor e construtor do projeto: Leonard Götz
Suporte: Papel Heliográfica
Técnica: Cópia Heliográfica e Lápis
Dimensões: 66,1 x 48,3 cm. E x H



Professores e o Arquivo



O AHJ e o Curso de Jornalismo do IELUSC

Valdete Daufemback

Mestra em História Cultural pela UFSC, Professora da Faculdade Ielusc.

O Arquivo Histórico de Joinville é uma instituição de memória e de custódia de documentos. Constitui, portanto, não somente um laboratório de pesquisa para historiadores, como também um espaço democrático acessível à comunidade que tem interesse pelo conhecimento, ou para quem mantém laços de pertencimento e identificação com a história, com o passado, para ressignificar a construção do tempo presente.

Como parte do componente curricular “Formação Histórica do Brasil” do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc, há anos acompanho os alunos ao Arquivo Histórico de Joinville, a uma visita técnica, para conhecer o acervo e a sua própria história. Nestas visitas técnicas, acadêmicas e acadêmicos têm a oportunidade de manusear periódicos (jornais) para identificar e analisar, por meio de matérias ou reportagens escritas por jornalistas, o panorama sociopolítico local nos períodos de rupturas da democracia, especialmente no governo de Getúlio Vargas e na Ditadura Militar. Sabe-se que na atualidade a geração conectada praticamente não tem acesso a jornais impressos. Manusear estes materiais ressignifica o compromisso profissional e valoriza a memória histórica da profissão.

Porém, neste ano, devido ao contágio da Covid 19, doença causada pelo Novo Coronavírus (Sars-Covd-2), em cumprimento à orientação da Organização Mundial de Saúde que determinou o distanciamento físico como combate a esta epidemia, a experiência da visita técnica não pode ser presencial. Assim, de forma virtual, no horário da aula, utilizando ferramentas do *Google Meet*, foi possível assistir a uma palestra ministrada por Dilney Cunha (coordenador do Arquivo Histórico)

e por Giane Maria de Souza (educadora do Arquivo Histórico de Joinville), que apresentaram as atividades realizadas pelos setores e o compromisso para atender as demandas da sociedade em geral, de acordo com suas atribuições enquanto órgão público.

Por que considero importante esta aproximação da comunidade acadêmica do curso de Jornalismo com o Arquivo Histórico de Joinville? Porque o Jornalismo, dentro do ofício da profissão, em sua complexidade de atuação, envolve diversas áreas do conhecimento e, por isso, requer a presença de profissionais qualificados com esse olhar ampliado de saberes para contextualizar as relações socioculturais e políticas na elaboração de reportagens.

Na instantaneidade da divulgação de informações, a utilização de novas mídias não significa, por si só, um instrumento autônomo e suficiente para dar conta de preencher os ângulos da dimensão comunicativa. Um profissional qualificado valoriza o contexto da significação do fato ou da informação que deseja transmitir. Neste aspecto, há uma relação aproximada entre História e Jornalismo.

Assim, como o historiador, que busca na imprensa as fontes para a sua obra, o jornalista busca na história a fonte de conhecimento para produzir o seu texto sem desprezo ao contexto. Nesta perspectiva, o Arquivo Histórico é uma ferramenta de aprimoramento profissional e de difusão do conhecimento.



Imagem 01

Fonte: Acervo pessoal da professora Valdete Daufemback



Artefato Cultural



Helena Montenegro e a Obra Infinitamente

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, Educadora e Doutoranda em História pela UFSC.

Helena Montenegro definitivamente é uma artista joinvilense. Migrante na vida e na arte, filha de pais pernambucanos, nasceu no Rio de Janeiro, migrou para Recife aos três anos e se mudou para Joinville em 1973 com o seu marido, o engenheiro metalúrgico Luís Montenegro Chaves Filho, quando este foi convidado para implantar um centro de pesquisa na Fundação Tupy pelo engenheiro Adolar Pieske.

As obras de Helena Montenegro estão espalhadas pelos jardins da cidade de Joinville, em alguns equipamentos culturais importantes como o Museu de Arte, Mercado Público Municipal, Casa da Cultura e Arquivo Histórico.

A obra Infinitamente foi escolhida para ser o Artefato Cultural homenageado no Boletim do AHJ, número 17. A obra que ladeia a sede do AHJ foi projetada para emergir de um espelho d'água como um oito ao contrário conectando céu e terra, segundo as aspirações da artista.

Helena Montenegro, assim se definiu nas suas redes sociais:

com muito amor! Consciente que o caminho é longo... e que Deus ainda não acabou de me criar. Gostaria de ser também Poetisa, Cantora, Compositora, Bailarina...mas... com muito amor! Consciente que o caminho é longo... e que Deus ainda não acabou de me criar. Gostaria de ser também Poetisa, Cantora, Compositora, Bailarina...mas...

A artista, como se observa a partir de suas palavras, é uma mulher empoderada e uma mediadora cultural do seu tempo. Multifacetada se coloca como várias mulheres em distintas atuações. Aluna da Escola Fritz Alt, cursou Cerâmica com o artista Mário Avancini. E foi incentivada por ele, depois de transitar em vários suportes escultóricos, a trabalhar grandes estruturas com materiais como o concreto e o bronze.

Infinitamente é uma obra de concreto, pesada pela densidade do material que a compõe, mas leve pela poética que a emoldura no paisagismo da edificação modernista do Arquivo Histórico de Joinville. Infinitas possibilidades de interpretação podem ser alcançadas sobre a obra de Helena Montenegro, mas em todas elas a poesia que emana das formas geométricas do concreto, nos absorve e nos eleva ao infinito.



Descrição do documento

Arquivo Histórico de Joinville, SC. Panorama da fachada da frente e da lateral do prédio com paisagismo e na esquerda está a escultura de Helena Montenegro intitulada "Infinitamente". Dimensões da fotografia: [200-]. 1: color; (20,3 X 30,4) cm. Foto. Fonte: Acervo Iconográfico do AHJ.

A dark, blue-tinted photograph of a modern building interior. The scene features large windows with horizontal blinds, a person in the foreground, and a potted plant. The overall atmosphere is dim and architectural.

Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, Educadora e Doutoranda em História pela UFSC.

No mês em que o Projeto de Lei (PL) nº 490/2007, proposto por Arthur Maia (DEM/BA) foi apresentado e aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal dos Deputados, e encaminhado para o Superior Tribunal Federal (STF) centenas de povos originários, no Brasil, em diversos estados, foram às ruas em protesto contra este PL que de forma arbitrária ataca os direitos fundamentais à terra dos povos originários. Um PL encaminhado sem ausculta social das comunidades indígenas, dos pesquisadores e das organizações indigenistas causou forte mobilização internacional, deste modo, o Boletim do AHJ, neste contexto de perigos iminentes aos direitos indígenas, apresenta o resumo da dissertação do historiador e professor de história André Felipe Meyer. Este resumo pode auxiliar os professores a debater esta questão em sala de aula e convida a promoção de um deslocamento de olhar para se perceber a territorialidade a partir das cosmovisões guaranis.

Para saber mais, procure o *site* www.historiaeculturaguarani.org onde se pode encontrar narrativas guaranis sobre suas dinâmicas territoriais, a confecção dos seus artesanatos e a educação do mbyá rekó - modo de ser guarani.

Repositório da dissertação: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2505/andre_dissertacao_final_a5.pdf



Um Click na Tekoá: Elaboração de Um site de Produção de Narrativas Audiovisuais através de Fontes Guarani

André Felipe Meyer

Mestre em Ensino de História pela Udesc.

Esta pesquisa consistiu na elaboração de um material didático de produção de narrativas estudantis audiovisuais, por meio de fontes Guarani. Em nosso problema de pesquisa, buscamos responder a questões referentes à realização de uma proposta pedagógica que estimule a descentrar o conhecimento histórico escolar no Ensino de História Indígena, por intermédio da percepção histórica dos povos Guarani, a partir de suas narrativas sobre a história dos povos indígenas, mediante conceitos e categorias de pensamento encontrados em sua cosmovisão, e materializados na oralidade e na corporalidade Guarani. Para tanto, traçamos como objetivo principal o desenvolvimento do site historiaeculturaguarani.org, o qual tem como finalidade disponibilizar a organização de fontes audiovisuais, imagéticas e escritas, produzidas pelos povos Guarani, com a proposta de elaboração de audiovisuais pelos e para estudantes do Ensino Médio de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Regular, nas aulas de História. Propõe-se que essa estratégia de intervenção pedagógica, a partir da inserção de narrativas Guarani, contribua para a construção de uma educação intercultural, em que se ouçam as perspectivas de diferentes comunidades Guarani sobre sua própria história, suas reivindicações e suas respostas para os problemas encontrados na relação com as sociedades modernas ocidentais, que continuam marcadas pelas relações coloniais. Para a elaboração do site historiaeculturaguarani.org, fundamentamos nosso aporte teórico em categorias Guarani, enfocando os conceitos de territorialidade, artesanato e educação, dialogando também com conceitos dos campos decoloniais e pós-coloniais. A organização do site foi realizada por meio da análise curricular federal e estadual do Ensino de História para jovens e adultos e ensino médio, e da organização, do arrolamento e da edição de fontes Guarani, partindo-se das demandas e objetivos das comunidades Guarani e em

diálogo com os currículos escolares, de modo a descentrar o conhecimento histórico escolar mediante a disponibilização de acesso às narrativas Guarani.

Palavras-chave: Narrativas Guarani. Narrativas Estudantis. História Indígena. Site. Ensino de História.

MEYER, André Felipe. **Um Click na Tekoá: Elaboração de um site de produção de narrativas audiovisuais através de fontes Guarani**. 2017. 265 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.



Memória do Boletim

Fundação
Cultural
De Joinville

D

BOLETIM do
ARQUIVO
HISTÓRICO
de JOINVILLE

Publicação semestral — Março de 1990 — N.º 6

Arquivo Histórico de Joinville
Rua Hermans August Lepper, 65 Caixa Postal 01011-900 Joinville - SC

O Perfil Psicossocial do Imigrante

Apolinário Ternes²

Escritor e Jornalista.

Nossa reflexão, neste momento em que se inauguram as comemorações do centésimo trigésimo oitavo aniversário de fundação de Joinville, subdivide-se em cinco partes.

Nestas subdivisões de um único tema - o perfil e o patrimônio psicossocial do imigrante - desejamos apresentar um painel desta aventura que tem sido a história da nossa gente e da nossa cidade.

Objetiva e sinteticamente, permitam-me os ilustres convidados desta cerimônia, que iniciemos nossa divagação.

Parte I

O rompimento dos mundos

Nos últimos cinco séculos, a humanidade realizou um gigantesco esforço de transformação do mundo. As grandes realizações políticas e econômicas dos últimos quinhentos anos, alcançam momentos de excepcional grandeza histórica e, destes instantes quase sagrados, não há dúvida que a descoberta do novo mundo, e, duzentos anos depois, o processo de colonização, se inscrevem como um dos mais importantes e decisivos para a história do homem sobre a face da Terra.

Em termos da América espanhola e portuguesa, este processo de colonização, só aconteceu de fato, dois séculos e meio depois, a partir de meados do século XVIII, quando na Europa a Revolução Industrial e a Revolução Francesa

começaram a redesenhar não apenas a geografia, mas a alterar definitivamente o cotidiano de milhões de pessoas.

Sacudidos da anestesiante letargia de quase um milênio de feudalismo, milhões de europeus foram jogados impetuosamente durante décadas pelos ventos transformadores da modernidade.

Arrancados do antigo regime, devorados pela angústia da instabilidade, despejados dos campos e perplexos pelos avanços do capitalismo e da liberdade política, milhões de europeus foram conduzidos inapelavelmente à conquista de novas terras. Em proporções milhares de vezes maior, a Europa do século XVIII reedita os episódios igualmente épicos da antiguidade clássica, quando os gregos primeiro e os romanos depois, desestabilizaram a geografia e revolucionaram a economia, expandindo-se em grandes impérios. Só duas vezes, em milênios diferentes, a humanidade conheceu expansões tão radicais quanto fascinantes. Na segunda vez, os europeus desempenharam o papel de colonizadores do novo mundo, soldados enfurecidos de sonhos e da utopia.

Expulsos do longo sono da estabilidade política e econômica, vieram para as Américas construir um novo mundo.

²Palestra proferida na "Semana de Joinville", em março de 1988 na solenidade anual realizada no Cemitério do Imigrante.

O Perfil Psicossocial do Imigrante

Apolinário Ternes.

Em meados do século passado, quando foram iniciadas as colonizações de Blumenau e de Joinville, os imigrantes cedo descobriram que a aventura poderia se transformar em pesadelo e que construir aqui suas novas vidas e um novo país, poderia ser tão difícil - ou até mais - do que continuar em suas regiões de origem, no centro dos acontecimentos revolucionários de então.

Popularizou-se entre esses colonizadores da utopia, um provérbio que dimensiona e traduz com perfeição o desafio a ser vencido: "Uns den tod. Den kindern, die not. Den enkeln, das brot. - Para nós, a morte. Para os nossos filhos, a necessidade. Para nossos netos, o pão."

Derrubaram florestas, navegaram distâncias, plantaram cidades, multiplicaram cemitérios e conquistaram o futuro. Por isto são eternos. Um capítulo de 150 anos de fantásticas transformações, ao fim do qual estabeleceram a civilização, o progresso e a modernidade em todo um continente.

Parte II

Os deserdados da modernidade

Pergunta-se que ideia de futuro poderia ter um homem do centro da Europa em meados do século passado? A perspectiva do futuro lhe indicava o caminho das cidades e, nestas, o caminho das fábricas. O mundo de seus pais e de seus avós acabara de se desintegrar. Não mais a rotina e a segurança. A batalha pelo pão de cada dia, todos os sinais mostravam uma única tendência, teria que ser obtido através de um salário, depois de 80 horas semanais de árduo esforço. E

no interior de fábricas úmidas, escuras, frias, sob o olhar severo do chefe. Salário que poderia significar muito mais a fome e o frio, do que a garantia de qualquer conforto.

O homem diante da incerteza, reage. O medo do futuro é que move os homens e, de certa forma, move as engrenagens do mundo. Como vinha movendo todos os povos nos últimos cem anos, até chegar, quase por último, ao coração da Europa, na Alemanha. O sentido de futuro para este homem cansado e amedrontado, chegava-lhe apenas na retrospectiva do passado. A raiz de suas apreensões, misturadas aos anseios e preconceitos, turvava-lhe a mente. De certa forma, inexistia a perspectiva de manter o cotidiano. O futuro era apenas um vácuo, uma promessa apenas da repetição do presente, ou seja, da completa insegurança de então, do medo e da ameaça de um desastre iminente.

Romper os laços. Fugir à prisão. Voar no limite improvável. Que efeito poderoso não provocou o novo mundo na cabeça destes homens deserdados de toda esperança?

Não apenas no homem comum, sem instrução e sem saber. Mas também nos letrados. Nos calejados pelos revezes políticos. Também nos que alimentavam ideias empreendedoras, próprias daquele momento quase fáustico que vive a Europa. Assim, aos borbotões, por quase cinco décadas, jorravam famílias inteiras do centro da Europa para as novas terras. Vinham cheios de esperanças carregados de ilusão, motivados pela publicidade farta fácil e sempre enganosa.

O Perfil Psicossocial do Imigrante

Apolinário Ternes.

Parte III O chão da guerra e da paz

Este chão que pisamos acolheu o primeiro herói da colonização no dia 27 de dezembro de 1851. O ex-tenente da marinha de Schleswig-Holstein, de nome Carl Andreas Von Bürow, sepultado aqui no dia 27 de dezembro falecera justo no dia seguinte ao natal do primeiro ano de fundação de Joinville, conforme os levantamentos da historiadora Hilda Krisch. O Cemitério dos Imigrantes, nesta que era então a “Schweizer - Pikade” - ou o Caminho do Meio - foi implantado pela Sociedade Colonizadora Hamburguesa depois que dezenas de imigrantes foram sepultados num cemitério provisório na atual Rua 9 de março, nas imediações do terreno que hoje acolhe a tradicional Farmácia Catarinense. A partir de dezembro de 1851 os sepultamentos ocorreram neste campo santo, até o ano de 1913. Daquele ano em diante, somente foram enterrados aqui, os corpos das pessoas cujas famílias já detinham espaços previamente adquiridos. Em 1913 passou a funcionar o nosso atual Cemitério Municipal, na Rua Ottokar Doerffel, cujo corpo, aliás, se encontra neste cemitério desde o ano de 1906.

Ilustres joinvilenses estão neste cemitério. Cerca de 4 mil corpos foram sepultados aqui e a sua preservação constitui o reverencial respeito que as novas gerações dedicam aos que construíram a nossa cidade.

Parte IV O patrimônio psicossocial

O poeta alemão Goethe nos diz: “O legado dos antepassados, conquiste-o para merecê-lo”. A história é a permanente reconquista de muitos legados. Cultivamos a História para compreender o presente à luz do passado. O tempo continua sendo o maior enigma de todos nós, por isto, o homem se debruça diante da História para compreender o que é e o que faz. O legado dos nossos antepassados, é a cidade que temos. A cidade dos nossos netos, será a Joinville que estamos construindo hoje. Estes bravos colonizadores europeus, transmitiriam ao Brasil, uma notável herança. Um patrimônio de princípios éticos e morais, um arsenal de exemplos de bravura, de ousadia, de perseverança. Eles acreditaram. Acreditaram neles mesmos. Na capacidade de realizar, de empreender, de construir. Não apenas praças e jardins, fábricas e escolas. Mas na construção de um arcabouço filosófico, político e cultural. Um arcabouço material, representado pelos diferentes ciclos econômicos da nossa história: da exploração da madeira primeiro; depois a erva-mate. Depois o comércio, mais adiante as indústrias. A Manchester Catarinense, cidade de chaminés e bicicletas. De flores, de teatro e música, de ginástica, de igrejas e maçonarias, de jornais e de política. Nos legaram uma cidade exemplar, forte material e espiritualmente. Estes anônimos heróis sepultados neste chão sagrado, encharcado de lágrimas e saudade!

Este é o patrimônio psicossocial da nossa Joinville. Um sólido conjunto de princípios, de tradições, de valores. Enfim, de trabalho e de cultura, de produção e de lazer.

O Perfil Psicossocial do Imigrante

Apolinário Ternes.

De espiritualidade, ao lado de esforço físico na construção da materialidade. Um legado imenso, que torna ainda mais difícil a responsabilidade dos joinvilenses de hoje, na confecção de um presente melhor e de um futuro mais digno, tão humano, fraterno e solidário, quanto os tempos dos homens que aqui foram sepultados.

Parte V Da utilidade da história

Gostaria de encerrar esse brevíssimo passeio pelo tempo, colocando algumas considerações finais em torno desta cerimônia e deste ato. Estamos aqui, todos, autoridades e povo, governantes e governados, para depositar o calor do nosso respeito aos que nos antecederam. Talvez não tenhamos agora, a plena consciência deste gesto. Mas estamos fazendo história. Estamos unindo o passado ao presente. Estamos espiando o passado, para acreditar no futuro. Estamos soldando, como soldados da esperança, o legado dos que nos antecederam, com o nosso próprio legado. A História é o homem. Sem ele não há História, as sociedades que respeitam a História, se tornam mais aptas para o futuro, errando menos no presente. Os tempos do que aqui repousam foram difíceis, como vimos, mas ainda assim, nos herdaram comoventes lições de vida. A História fica para isto, para cultivar a vida. Por isto somos uma cidade diferente: cultivamos a nossa História e estamos permanentemente cheios de vida, esfomeados de futuro. Não há como fugir, o passado é o ponto de referência, tanto do homem quanto das cidades. Respeitemos, portanto, o nosso passado, cultivando a cada dia a nossa História!

Muito Obrigado!

PS: A reprodução do texto manteve a sua composição gramatical, conforme a publicação: Fonte: TERNES, Apolinário. O perfil psicossocial do imigrante. In: FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE. Boletim do Arquivo Histórico de Joinville, publicação semestral, mar. n.6, Joinville: FCJ/AHJ,1990.

Sugestão de reflexão histórica em sala de aula

Este texto pode ser problematizado pelo professor/a em sala de aula. Se o professor/a quiser registrar a atividade realizada e divulgar no próximo Boletim, encaminhe para o e-mail arquivohistorico@joinville.sc.gov.br a/c Giane. Vamos pensar algumas questões, a partir do nosso tempo presente.

Você concorda com os argumentos do autor? É possível pensarmos um perfil psicossocial do imigrante? Joinville ainda é uma cidade diferente das outras, por quê? Quando os imigrantes decidem deixar seus países eles estão abandonando a modernidade? O que é modernidade para você? Você conhece algum imigrante que veio morar na cidade de Joinville? Qual a história desse imigrante? Como e porquê chegou em Joinville? Em que condições essa pessoa viajou? Como era a sua vida no seu país de origem? Como vive e trabalha aqui em Joinville? Podemos afirmar que a cidade de Joinville é composta de apenas um grupo imigratório?



O Arquivo e a Cidade



Vista-se de Patrimônio

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, Educadora e Doutoranda em História pela UFSC.

Siga o exemplo desta galerinha que está fazendo sucesso pelas ruas de Joinville e Barra Velha. Quem ainda não teve a oportunidade de adquirir uma camiseta do Arquivo Histórico de Joinville, pode entrar em contato com o Arte na Cuca, através do e-mail contato@artenacuca.com.br.



Foto: Maya Gervasi Guedes, tem 6 anos de pura fofura. Estuda na Escola Viva eu, Viva tu, no momento *online*. Gosta de nadar, fazer pirueta na água e andar de bicicleta.



Foto: Miguel Oçoski da Silva, tem 2 anos e 6 meses de pura fofura. Estuda no CEI Daniela Ramon no bairro Itajuba em Barra Velha. Adora frutas como banana, morango e caqui. Adora brincar de carrinho, de ler com a mamãe livros de historinhas e adora desenhar em todos os lugares que consiga expressar a sua inspiração artística, inclusive nas paredes de casa.

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, Educadora e Doutoranda em História pela UFSC.

Algumas funcionárias do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) decidiram, uns anos atrás, investir na produção de uma camiseta do AHJ, como se fosse uma espécie de uniforme. A logo do AHJ que ilustra alguns detalhes da arquitetura modernista ilustrou a camiseta, que de uniforme virou uma peça de vestuário super estilosa e descolada. E como nós que trabalhamos com história, patrimônio, memórias, não gostamos de muitos enquadramentos estéticos, e uniformes, definitivamente devem ser problematizados na história, sobretudo quando trabalhamos com patrimônio que são processos extremamente dinâmicos e vivos. O setor de Educação do AHJ decidiu neste ano, retomar o projeto das camisetas e redirecionar esta iniciativa interna para uma ação que envolvesse o município de Joinville.

Uma proposta que se projetava para divulgar o AHJ nos limites geográficos do município viralizou nas redes, e para a surpresa da nossa equipe, tomou uma dimensão interestadual.

Tivemos colegas arquivistas, historiadores, escritores, arquitetos e urbanistas de distintas cidades dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul que adoraram a ideia e decidiram investir nos seus *looks* com a beca do AHJ. “Égua” - diria um joinvilense, surpreso, pois, então é isso mesmo! Pequenas ideias e grandes projetos de difusão cultural do Arquivo Histórico de Joinville. Fique atento, porque você pode encontrar os nossos colegas pelas ruas do nosso Estado, do Brasil e quiçá no exterior vestido estilosamente com a camiseta do AHJ.

Nesse ínterim, a professora Sandra Guedes do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio e Sociedade da Univille, parceira e defensora do patrimônio cultural de Joinville de longa data, fez uma encomenda especial, uma camiseta para ela e outra para a netinha, a Maya, que toda prosa e vestida de rosa, sua cor preferida, faz um desfile especial pelas ruas da cidade acompanhada de seus pais. E a nossa colega Fernanda, técnica do AHJ investiu e encomendou num modelito pretinho básico para o seu netinho, o nosso mascotinho Miguel, um polaquinho cheio de charme e com muito *Rock'n Roll*

É isso aí, vista-se de patrimônio cultural, arquivístico, arquitetônico, arqueológico, histórico, artístico e natural e saía pelas ruas desfilando um pouco das nossas histórias.



Por Dentro do Acervo



Descrição do documento

Bicicleta: enchente. Joinville, SC. 05/05/1929. “Rua do Príncipe. Vê-se à direita a Farmácia Delitsch de Hugo Delitsch fundada em 1859, na esquerda “The Texas Company Salto”, em seguida Cia Telefônica Catarinense. Vê-se o fotógrafo Alberto Diegel na frente do Café Schwochow e algumas pessoas posando com suas bicicletas e carro”. Dimensões da fotografia: 1: p/b; (9 x 14) cm. Autor: [S.I.].

Fonte: Acervo iconográfico do AHJ.



Expediente

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville.

Vol. I, no 17, Edição trimestral, jul.,ago.,set.,. 2021. ISSN 141334744

Prefeitura Municipal de Joinville

Adriano Bornschein Silva

Prefeito

Rejane Gambin

Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo

Guilherme Augusto Gassenferth

Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen

Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga

Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha

Coordenador

Corpo Funcional

Amauri de Oliveira Prado

André Felipe Meyer

Arselle de Andrade da Fontoura

Catarina de Souza

Cátia Regina Hodecker

Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske

Elisangela da Silva

Fernanda Pirog Oçoski

Gabriel Pavesi Goudard

Gerson Luiz Santana

Giane Maria de Souza

Janice Garcia

Leandro Brier Correia

Nelson Berndt

Nívea Giovanella Reinert

Rodrigo Boçoen

Valdir Bonavigo

Expediente

Organização e coordenação do Boletim do AHJ

Giane Maria de Souza

Revisão

Giane Maria de Souza (AHJ)

Nelson Berndt (AHJ)

Celiane Neitsch (Arte na Cuca)

Design Gráfico e Editoração

Walmer Bittencourt Júnior

Celiane Neitsch

Apoio Cultural

Arte na Cuca - Informação, Educação, Cultura e Arte

www.artenacuca.com.br

contato@artenacuca.com.br

artenacuca.com.br

Arquivo Histórico de Joinville (Secretaria de Cultura e Turismo)
Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguapu, Joinville - SC - CEP: 89221-005
Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329
E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

